

Documentos

ISSN 1678-1953
Dezembro, 2004

72

Importância Econômica e Evolução da Cultura do Cacau no Brasil e na Região dos Tabuleiros Costeiros da Bahia entre 1990 e 2002



República Federativa do Brasil

Luís Inácio Lula da Silva
Presidente

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Roberto Rodrigues
Ministro

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa

Conselho de Administração

José Amauri Dimázio
Presidente

Clayton Campanhola
Vice-Presidente

Alexandre Kalil Pires
Hélio Tollini
Ernesto Paterniani
Luís Fernando Rigato Vasconcellos
Membros

Diretoria Executiva da Embrapa

Clayton Campanhola
Diretor-Presidente

Gustavo Kauark Chianca
Herbert Cavalcante de Lima
Mariza Marilena Tanajura Luz Barbosa
Diretores-Executivos

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Edmar Ramos de Siqueira
Chefe-Geral

Tereza Cristina de Oliveira
Chefe-Adjunto de Administração

Maria de Lourdes da Silva Leal
Chefe-Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento

Édson Luis Bolfe
Chefe-Adjunto de Comunicação e Negócios



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1678-1953

Dezembro, 2004

Documentos 72

Importância Econômica e Evolução da Cultura do Cacau no Brasil e na Região dos Tabuleiros Costeiros da Bahia entre 1990 e 2002.

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca
Cristiano Campos Nazário

Aracaju, SE
2004

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Av. Beira Mar, 3250, Aracaju, SE, CEP 49025-040

Caixa Postal 44

Fone: (79) 3226-1300

Fax: (79) 3226-1369

www.cpatc.embrapa.br

E-mail sac@cpatc.embrapa.br

Comitê de Publicações da Unidade

Presidente: Edson Diogo Tavares

Secretária-Executiva: Maria Ester Gonçalves Moura

Membros: Emanuel Richard Carvalho Donald, Amaury Apolonio de Oliveira, Dalva Maria da Mota, João Bosco Vasconcellos Gomes e Onaldo Souza

Supervisor editorial: Maria Ester Gonçalves Moura

Revisor de texto: Jiciára Sales Damásio

Normalização bibliográfica: Josete Cunha Melo

Tratamento de Ilustrações: Fábio Brito Pinheiro

Editoração eletrônica: Fábio Brito Pinheiro

1ª edição

1ª impressão (2004): 200 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Cuenca, Manuel Alberto Gutiérrez

Importância Econômica e Evolução da Cultura do Cacau no Brasil e na Região dos Tabuleiros Costeiros da Bahia entre 1990 e 2002 / Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca, Cristiano Campos Nazário. - Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2004.

25 p. : il. - (Documentos / Embrapa Tabuleiros Costeiros, ISSN 1678-1953, 72)

Cacau – Economia – Bahia. 2. Cacau – Tabuleiros Costeiros – Bahia. I. Cuenca, Manuel Alberto Gutiérrez. II. Nazário, Cristiano Campos. III. Título. IV. Série.

CDD 633.748 142

© Embrapa Tabuleiros Costeiros 2004

Autores

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca

Eng. Agrôn., M.Sc., Pesquisador Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira Mar, 3250, CEP 49025-040, Aracaju, SE, e-mail: cuenca@cpatc.embrapa.br

Cristiano Campos Nazário

Estudante de Economia da Universidade Federal de Sergipe, Estagiário da Embrapa Tabuleiros Costeiros
Tel: (79) 226-1300, e-mail: cristian@cpatc.embrapa.br

Sumário

Importância Econômica e Evolução da Cultura do Cacau no Brasil e na Região dos Tabuleiros Costeiros da Bahia entre 1990 e 2002	7
Caracterização da Cultura no Brasil	9
Comportamento da cacauicultura nos tabuleiros costeiros da Bahia - sua evolução entre 1990 e 2002.	17
Evolução da área colhida com cacau nos tabuleiros costeiros da Bahia	20
Conclusões	21
Anexos	23

Importância Econômica e Evolução da Cultura do Cacau no Brasil e na Região dos Tabuleiros Costeiros da Bahia entre 1990 e 2002

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca
Cristiano Campos Nazário

Introdução

O cacau é originário das regiões tropicais da América Central, onde foi utilizado até como moeda pelos pipiles, povo indígena pré-colombiano de El Salvador, que com ele pagavam tributos e compravam todo tipo de mercadoria.

O nome da planta (cacahuati) e o da bebida (chocoatl) vem dos antigos astecas e maias. Esses povos aproveitavam a sua polpa para preparar um suco, muito parecido com o nosso suco de cupuaçu. As sementes torradas, moídas e misturadas à farinha de milho deram origem a uma pasta comestível, que desidratada pode ser armazenada para uso posterior, como bebida quente, aromatizada com especiarias, muito apreciada até os dias de hoje (ALVARENGA et al., 1994).

No México, o chocolate tornou-se tão popular a ponto de ser servido nas festividades religiosas. Na América Central é distribuído nos velórios e recomendado para as mães em período de amamentação, por ser considerado um estimulante na produção de leite, além do seu alto valor nutritivo e energético.

A partir de 1585 o produto começou a ser enviado à Espanha e, à medida que o consumo aumentou na Europa, o cultivo generalizou-se em várias

regiões da América Central, do Sul, no Caribe, Ásia e África.

No Brasil, o cacau adaptou-se perfeitamente ao clima e solos do Sul da Bahia, trazendo muita prosperidade para a região de Ilhéus, constituindo-se num dos pilares fundamentais para o enriquecimento de muitas famílias de cacauicultores, contribuindo em muito para o desenvolvimento regional.

A produção mundial de cacau, em 2003, ficou em torno das 3,3 milhões de toneladas métricas, envolvendo 58 países, com área plantada de 6,987 milhões de hectares. Os principais produtores em 2003 foram: Costa do Marfim (14%), Trinidad Tobago (11%), Granada e Costa Rica (8% cada), Panamá e Gabão (7% cada).

O Brasil, entre 1990 e 2003, teve um decréscimo no ranking mundial da produção, saindo de nono para o décimo sétimo lugar, passando de 256,3 toneladas métricas em 1990, para apenas 170,7 toneladas métricas em 2003. Quando se analisa o ranking da área colhida mundial, percebe-se que o Brasil permaneceu na sétima posição entre 1990 a 2003 (FAO, 2004).

O Brasil participa no comércio internacional exportando cacau em amêndoas desde 1961; mas, a partir de 1992, passou a ser também importador acumulando até 2002 mais de 336 mil toneladas.

A cultura do cacau no Brasil é considerada como concentradora de posse da terra, com algumas diferenças nos percentuais, a depender da região ou Estado. No caso dos principais municípios produtores dos tabuleiros costeiros da Bahia (TC/BA), as propriedades com área superior a 100 hectares chegaram, em 1996, a concentrar até 99% da área cultivada (IBGE, 2004a).

O cacau é uma cultura muito importante na formação de receita por hectare e na contribuição no Valor Bruto da Produção Agrícola (VBPA) na região dos TC/BA. No ano 2002, nas microrregiões da Bahia onde a cultura é praticada, o cacau chegou a contribuir com 66% do valor gerado pela totalidade das culturas permanentes em 2002.

O principal objetivo deste trabalho foi realizar um breve histórico sobre a origem do cacau, assim como a evolução da cultura no Brasil, caracterizando-a agroeconomicamente, analisando ainda o comportamento do mercado externo, tipo de propriedades onde o cultivo é praticado e a geração de receita por hectare nas diferentes regiões e estados produtores.

Deu-se ênfase à análise da evolução da quantidade produzida e da área colhida com cacau na região dos TC/BA, no período compreendido entre 1990 e 2002. Para tanto, foram utilizadas as bases de dados do IBGE referentes à Produção Agrícola Municipal e ao Censo Agropecuário, fazendo-se as análises dos mencionados parâmetros e avaliando-se as participações e evoluções de cada município em relação à região, no período estudado.

Espera-se que as informações geradas neste trabalho sejam úteis para estudantes, professores, pesquisadores e órgãos ou instituições interessadas em desenvolver trabalhos na região, com um conhecimento prévio das características da cultura, assim como a sua evolução nacional e nos municípios componentes dos TC/BA.

Caracterização da cultura no Brasil

A produção de cacau no Brasil é uma atividade dos médios e grandes produtores, pois, durante a década de 90, mais de 45% da área com a cultura estavam concentrados em explorações com extensão superior a 100 hectares, sendo que esse percentual chegou a 62%, no Pará, e 44% na Bahia (IBGE, 2004a).

A concentração da área cultivada com cacau nos principais estados produtores, no Brasil, segundo o último Censo Agropecuário (IBGE, 2004a), é mostrada no Gráfico 1.

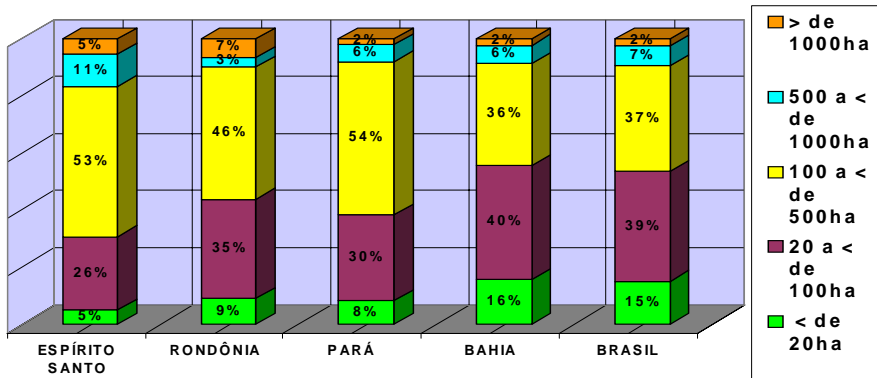


Gráfico 1. Porcentuais de área colhida com cacau, por grupo de área no Espírito Santo, Rondônia, Pará, Bahia e Brasil-1996.

Fonte: Censo Agropecuário do Brasil – 1996 – IBGEa.

A área colhida com cacau, no Brasil, apresentou uma queda de 12%, passando de 664.853 ha em 1990, para 582.315 em 2002. Todas as regiões brasileiras demonstraram queda na área colhida com cacau, contudo a Região Nordeste foi a que mais decresceu sua área colhida (23%), passando de 548.538 ha em 1990, para 487.791 em 2002. Ao se comparar a área colhida da Bahia com a do Brasil, percebe-se que a mesma representava 82% do total brasileiro em 1990, aumentando para 84% em 2002 (IBGE, 2004).

Ao analisar os dados extraídos do IBGE, com relação à produção brasileira de cacau, nota-se uma queda de 52% no período analisado. Em 1990, a produção de cacau era de aproximadamente 356 milhões, reduzindo-se para 174,8 milhões de frutos, em 2002. Quando se observa as regiões geográficas, em 1990, o Nordeste é o destaque, com 83,7% da produção nacional, seguida das Regiões Norte com 14%, Sudeste com 1,9% e apenas 0,5% na Região Centro-Oeste. A Região Sul não apresentou produção de cacau em nenhum dos anos estudados.

O Brasil, tradicionalmente, tem participado ativamente como exportador de cacau, mas vem decrescendo sua participação no mercado mundial, principalmente na última década (FAO, 2004). As exportações brasileiras atingiram seu máximo em 1985, mas, a partir de 1992, passou a ser

também importador, para em seguida diminuir e passar a importar a partir de 1992.

As exportações de cacau e derivados caíram de 244 mil toneladas e receitas de US\$ 336 milhões, em 1990, para um volume de 32 mil toneladas e receita de US\$ 82 milhões, em 2002 (AGRIANUAL, 2004).

O comportamento do comércio exterior brasileiro referente ao cacau em amêndoa é apresentado no Gráfico 2. Nele são apresentadas as médias anuais de exportação durante as décadas de 60, 70 e 80, assim como as exportações e importações anuais de 1990 a 2002 (FAO, 2004).

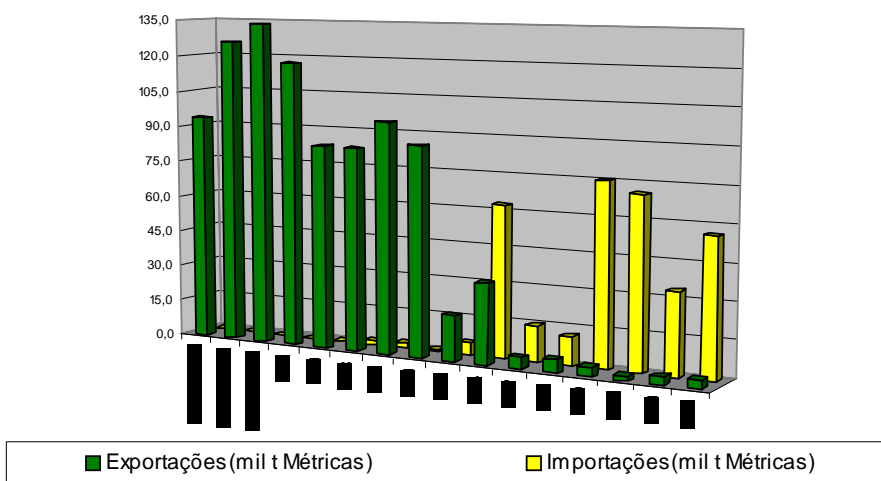


Gráfico 2. Quantidade (mil toneladas métricas de amêndoas) exportadas e importadas – Brasil – 1961 a 2002.

Fonte: FAO, 2004.

No ano de 2002, os principais compradores do cacau brasileiro foram: Japão (75%), Espanha (20%) e Argentina (5%) (AGRIANUAL, 2004).

O Brasil também participa no comércio internacional de derivados do cacau, sendo os principais parceiros comerciais neste item, em 2002: Holanda (34%), Estados Unidos (25%), Argentina (16%) e Canadá (8%). As exportações desse produto também vêm diminuindo, como mostrado no Gráfico 3.

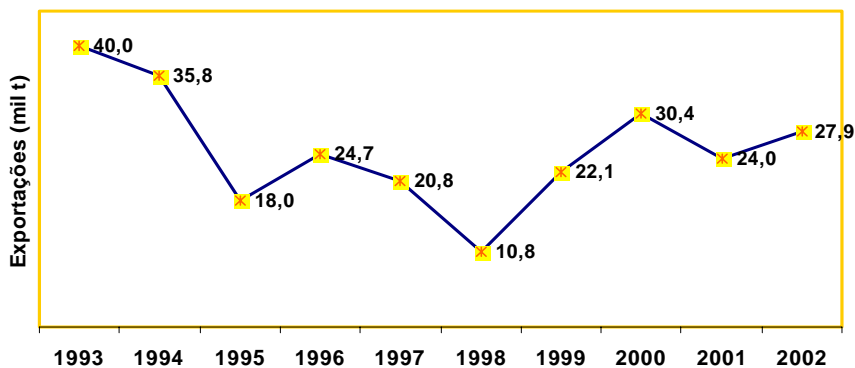


Gráfico 3. Exportações brasileiras de manteiga de cacau entre os anos de 1993 e 2002.

Fonte: AGRIANUAL, 2004.

O decréscimo das exportações e aumento das importações deveu-se principalmente, ao declínio da cultura em nível nacional. Para complicar mais ainda o quadro da cultura no país, surgiram doenças, como a vassoura da bruxa que, em 1989, apareceu no município de Uruçuca bem no meio da região cacauzeira. Essa doença espalhou-se por toda a Região Sul da Bahia, trazendo prejuízo e desânimo entre os produtores, fazendo cair a produção de 400 mil toneladas, em 1990, para 174 mil toneladas em 2003.

Além desses fatores, os cacauicultores sofrem as conseqüências da sua própria desorganização e da falta de adoção de inovações comerciais e tecnológicas, vendendo seu produto com baixo valor agregado aos atacadistas exportadores, ou a alguma das quatro indústrias multinacionais que atuam no mercado brasileiro. Os produtores de cacau não se organizam em cooperativas para processamento da polpa e das amêndoas para agregar valor antes de repassarem aos compradores, recebendo quase sempre os preços impostos pelos comerciantes. Outro fator que afetou a cacauicultura brasileira foi o crescimento da produção na África Ocidental e no Sudeste Asiático, motivado pelos bons preços alcançados na década de 70, quando a tonelada no mercado internacional chegou aos US\$ 4 mil. O aumento da oferta internacional fez declinar os preços chegando aos US\$ 1.076 em 2001.

De alguma forma, a indústria brasileira tem absorvido toda a produção interna, que resulta insuficiente para atender as necessidades de matéria-prima, principalmente, na época que antecede à Páscoa, quando as indústrias preparam a maior quantidade de chocolate, consumido tradicionalmente durante esse período.

A produção, área e rendimento da cacauicultura no Brasil, entre 1990 e 2002, sofreram diminuições de 51%, 12% e 44%, respectivamente. Apesar disso, o valor da produção teve um crescimento de 16% no período mencionado. As quantidades produzidas, área colhida, rendimento e valor da produção nos anos de 1990 e 2002, são apresentados no Gráfico 4.

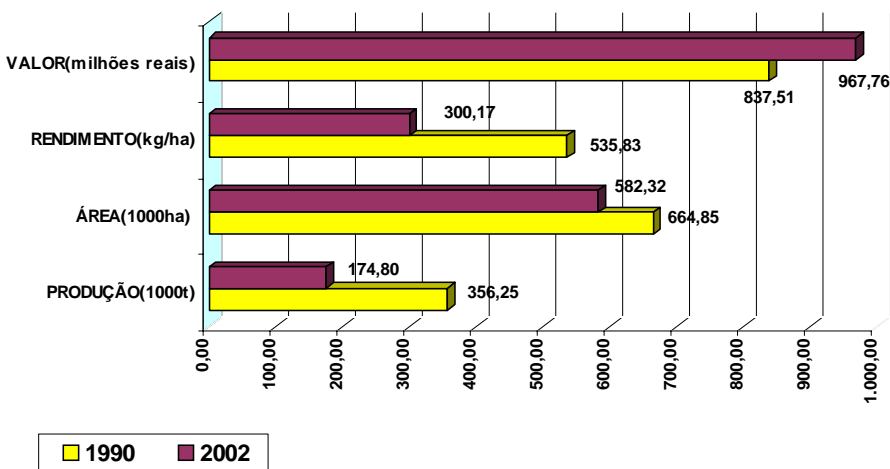


Gráfico 4. Evolução da produção, área, rendimento e valores da produção no Brasil entre 1990 e 2002.

Fonte: Produção Agrícola Municipal, IBGE, 2004b.

Em 2002, a cultura atingiu um total de 582.315 hectares em todo o país, produzindo 174.796 toneladas de amêndoas. O Estado da Bahia, naquele ano, respondia por 63% da produção, 84% da área colhida e por 64% do valor gerado com a cultura, ficando os Estados do Pará, Rondônia e Espírito Santo com os respectivos percentuais complementares, expressos no Gráfico 5.

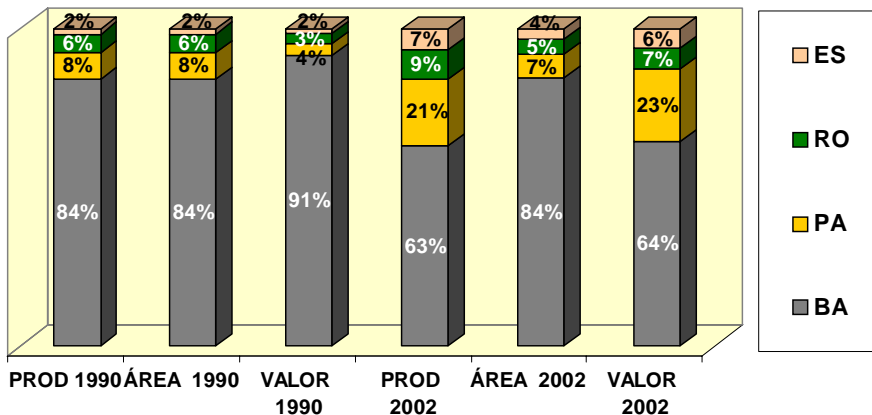


Gráfico 5. Participação (%) por estado na produção, área e valores colhidos com o cacau no Brasil em 1990 e 2002.

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal, 2004b.

Observando-se os percentuais apresentados no Gráfico 5, pode-se concluir que no caso da Bahia, tanto o rendimento (produção/área) como o valor (produção X preço) diminuiu entre 1990 e 2002, enquanto que no Pará ocorreu o contrário, pois, em 1990, concentrando 8% da área nacional, respondeu por 8% da produção e por 4% dos valores totais brasileiros, passando a concentrar em 2002, uma área equivalente a 7% da área total cultivada no país, respondendo por 21% da produção e por 23% dos valores totais gerados pela cultura em todo o território nacional.

Vislumbra-se uma melhoria no horizonte da cacauicultura brasileira, pois a Ceplac, em 2001, disponibilizou 12 variedades de clones com genes tolerantes à vassoura de bruxa, com os quais vêm sendo plantadas novas áreas a partir daquele ano e que em 2002 superavam os 55 mil hectares que estão mostrando resultados satisfatórios em termos de produtividade (SANTO, 2001). Isto dá indícios de um ressurgimento da cacauicultura baiana, pelo menos em termos produtivos. Espera-se que os Governos Federal, Estadual e Municipal sejam motivados pelo impacto na economia, gerado pela cadeia produtiva e contribuam com a diversificação do sistema de processamento e uso de alternativas do agronegócio do cacau, para tentar mudar o sistema tradicional de comercialização arcaico e de pouca agregação de valor como até hoje tem sido.

A aplicação de novas tecnologias de plantio e o estímulo ao reflorestamento em áreas desmatadas nas décadas anteriores fez com que os estados localizados na Região Norte aumentassem consideravelmente seu rendimento por hectare cultivado com cacau, entre 1990 e 2002.

As mudanças nos rendimentos dos principais estados produtores de cacau no Brasil, naquele período, são melhores visualizadas quando graficadas na forma bidimensional, como são apresentadas no Gráfico 6.

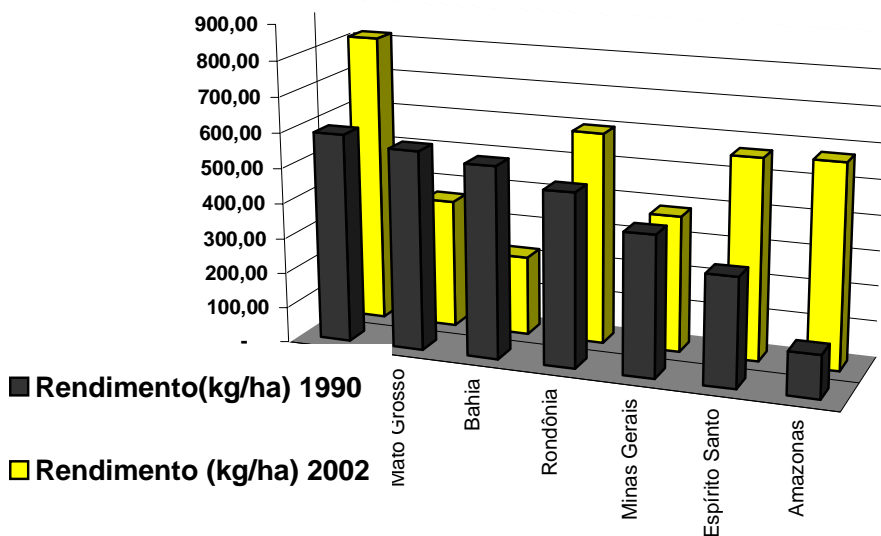


Gráfico 6. Rendimento (kg/ha) da cultura do cacau nos principais estados produtores no Brasil -1990 e 2002.

Fonte: Produção Agrícola Municipal - IBGE – 2004b.

Observa-se que a diferença no rendimento obtido no Pará e na Bahia, em 2002, chegou a 72%, enquanto que em 1990 ficava em apenas 8%. Tanto a queda da produção como do rendimento dos plantios baianos, podem ser atribuídos, em grande parte, ao ataque de doenças, principalmente à vassoura-de-bruxa que comprometeu e dizimou boa parte dos plantios, principalmente, na microrregião de Ilhéus-Itabuna, outrora máximo reduto da cacauicultura regional, que tinha na cultura um dos seus pilares da

formação do valor agregado agrícola e riqueza de muitas famílias, que progrediram graças aos benefícios gerados pelo produto.

Além das diferenças nos rendimentos regionais, registraram-se também, no período, diferenças nos preços obtidos pelos produtores em cada estado brasileiro produtor de cacau, como apresentado no Gráfico 7.

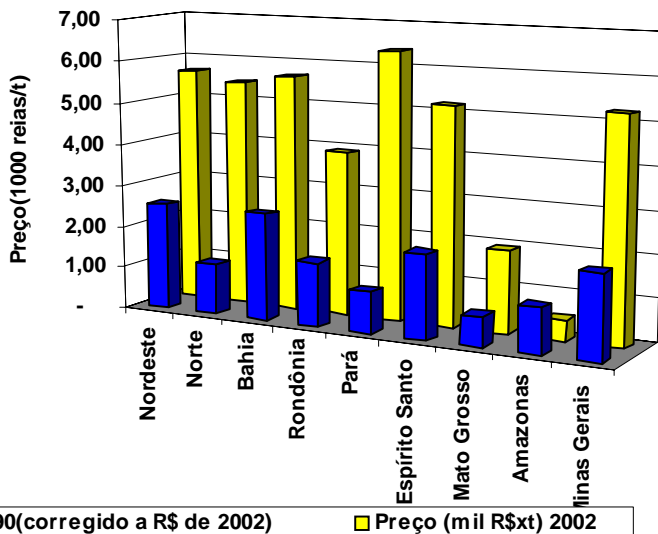


Gráfico 7. Preços obtidos por tonelada pagos nos diferentes estados produtores de cacau no Brasil nos anos de 1990 e 2002.

Fonte: Cálculos dos autores a partir de dados da Produção Agrícola Municipal - IBGE e Índices do IGP da FGV.

A combinação das diferenças no rendimento e nos preços, entre outros fatores, faz com que a cultura tenha diferentes retornos por hectare, a depender do estado e sua localização regional. No Gráfico 8, são apresentadas as diferentes receitas geradas por hectare (R\$ x ha), obtidos em cada um dos estados produtores.

O cacau é uma cultura muito importante na geração de receita por hectare e na formação do Valor Bruto da Produção Agrícola (VBPA) em várias microrregiões baianas e na região dos TC/BA.

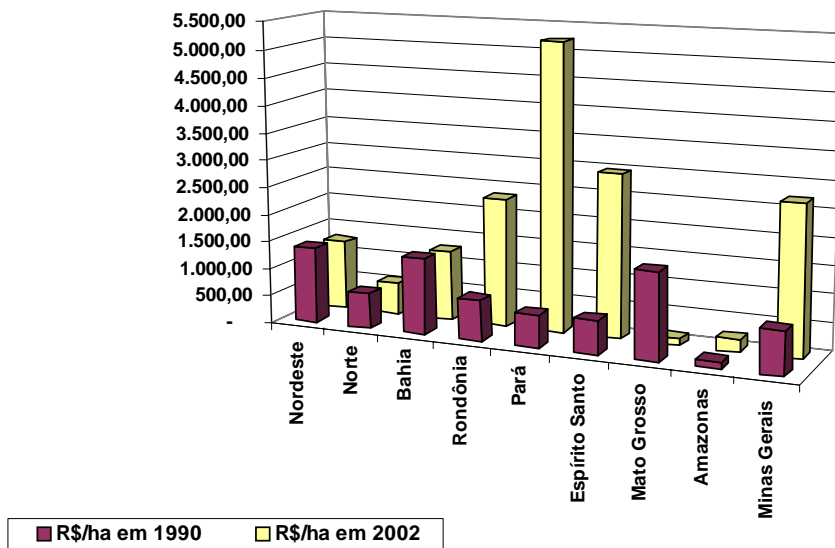


Gráfico 8 – Receitas por hectare (R\$/ha) na cacauicultura nos diferentes estados brasileiros -1990 e 2002

Fonte: Produção Agrícola Municipal – IBGE, 2004b.

Comportamento da cacauicultura nos tabuleiros costeiros da Bahia - sua evolução entre 1990 e 2002.

O cacau é de grande importância para a região dos TC/BA, onde, nos anos 90, chegou a se concentrar 49% da produção estadual.

A cultura na mencionada região gerou, em 2002, 480 milhões de reais, ocupando o primeiro lugar em geração de receita agrícola, respondendo por mais de 66% do VBPA, gerado pelas culturas permanentes (IBGE, 2004).

A cultura do cacau na região dos TC/BA é, em sua grande maioria, praticada por produtores familiares em pequenas ou médias propriedades. Na Tabela 1 observa-se que as propriedades com área inferior a 100 hectares constituem 91% do total de propriedades e ocupam apenas 1% da área,

enquanto que as propriedades com área entre 100 hectares e 500 hectares representam apenas 8% do número total de propriedades e ocupam 72% da área. O grupo mais concentrador de área é o das propriedades maiores de 500 hectares que, concentrando apenas 1% do total de estabelecimentos, acumulam 27% da área.

Tabela 1 - Número de estabelecimentos e área colhida com cacau por grupo de área total nos principais municípios produtores nos TC/BA - 1996

	Menos de 100 ha		100 a 500 ha		Mais de 500 ha	
	Nº de propriedades	Área(ha)	Nº de propriedades	Área(ha)	Nº de propriedades	Área(ha)
Belmonte	86	27	13	3.356	1	731
Guaratinga	612	6	132	2.932	25	477
Ilhéus	1355	62	54	26.982	3	6.666
Itacaré	488	290	16	6.461	0	1.319
Itamaraju	476	2	123	3.342	26	1.025
Maraú	500	156	10	5.606	0	3.930
Una	605	30	18	5.980	2	6.541
Total	4122	572	366	54.659	57	20.688

Fonte: IBGE, 2004 – Censo Agropecuário do Brasil – 1996, IBGE, 2004a.

O Estado da Bahia, segundo dados estatísticos do IBGE, produziu em torno de 298 milhões de frutos no início dos anos 90, caindo para aproximadamente 110 milhões de frutos no final de 2002. A participação dos tabuleiros costeiros, no total estadual, apresentou oscilações no decorrer do período em estudo. Em 1990, a sua participação estava em torno de 34%, enquanto que em 2002 a mesma se reduziu para 33% (IBGE, 2004).

Analisando o comportamento da cultura nos 20 principais produtores de cacau, entre 1990 e 2002, observa-se que o município de Ilhéus manteve o predomínio da produção cacauzeira até o ano 2001, reduzindo a mesma significativamente em 2002, quando perdeu sua posição de principal produtor.

O município de Itacaré, em 1990, aparece como segundo maior produtor do estado, com 7% da produção dos Tabuleiros Costeiros, caindo para a quinta posição, respondendo por 5% do total regional, em 2002. Entre

1990 e 2002, a produção de cacau experimentou uma redistribuição entre os municípios dos TC/BA, pois no início da década, 30% da produção concentrava-se apenas no município de Ilhéus. Em 2002, esse município respondia por apenas 5% da quantidade produzida nos TC/BA.

Entre os municípios que experimentaram incrementos na sua participação, em 2002, pode-se destacar o município de Itamaraju como o de maior expressão, passando de 5%, em 1990, para 14% do total estadual, em 2002. Em segundo lugar, aparece o município de Guaratinga, com 10% da produção dos TC/BA. Os municípios de Una e Belmonte empataram na terceira posição, com 7% cada um, da mencionada produção.

Os percentuais de evolução da produção em cada um dos municípios ajudam a entender melhor as altas e baixas da produção no período, considerando o total produzido a cada ano da década em relação ao ano anterior e a variação total no período (2002 em relação ao produzido em 1990). Observando-se os municípios que, em 1990, detinham os maiores percentuais de participação na produção estadual (Ilhéus, Itacaré e Marau), os mesmos apresentaram evoluções negativas nas quantidades produzidas de -94%, -71% e -70%, respectivamente, entre 1990 e 2002.

Observando a evolução bianual dos principais produtores, em 1990 e em 2002, tem-se que: o município de Ilhéus apresentou seu melhor desempenho no biênio 1996/1997, crescendo em torno de 42%. O biênio menos expressivo para esse município foi 2001/2002, quando a sua produção se reduziu em 76%. O município de Itacaré demonstrou um significativo aumento de sua produção no biênio 2000/2001, com uma evolução de 233%, ficando com pior resultado o biênio anterior, 1999/2000 (-74%). O município de Marau apresentou maior evolução da produção nos biênios, 1996/1997 e 1997/1998, com aumento de 20% em cada um e o seu pior resultado foi no biênio 1998/1999 (-56%).

Analisando o comportamento em dois períodos de seis anos (1990 a 1996) e (1996 a 2002), observa-se que, no período de 1990 a 1996, o município de Una foi o que apresentou a maior evolução (286%), seguido de Uruçuca (206%) e Valença (108%). No início desse período, o município de Ilhéus era o maior produtor, porém decresceu sua quantidade produzida em 44%. Observando-se o segundo período (1996 a 2002), pode-se visualizar que o

município de São Miguel das Matas demonstrou um crescimento na produção de 198%, seguido de Nilo Peçanha (48%) e Mucuri (33%). Neste período, o município de Ilhéus foi o que apresentou pior desempenho, caindo para 89%.

Evolução da área colhida com cacau nos tabuleiros costeiros da Bahia

A área colhida com cacau, no Estado da Bahia, passou de 548.435 hectares em 1990, para 487.791 hectares em 2002, registrando uma queda de 11%. A região dos TC/BA, que em 1990 colhia 204.380 hectares, experimentou uma queda de 14%, passando a colher 176.106 ha em 2002.

No início da década, a área colhida dos três principais municípios, somada, concentrava 47% da área total dos TC/BA onde cada um participava da seguinte forma: Ilhéus (35%), Belmonte (6%) e Guaratinga (6%). No ano 2002, houve uma mudança nos principais municípios concentradores de área, que passaram a contribuir, individualmente, da seguinte forma: Itamarajú (9%), Ilhéus, Una, Belmonte, Marauá e Arataca concentravam 7%, cada um.

É importante salientar que na evolução da área colhida, o município de maior destaque foi Nilo Peçanha (421%), vindo em seguida: Valença (401%), Una (186%) e Arataca (181%), entre 1990 e 2002. O município de Ilhéus apresentou queda na área, com decréscimo de 83%. Dividindo-se a análise em dois períodos de seis anos cada, observa-se que no período compreendido entre 1990 e 1996, houve uma maior evolução em Arataca (393%), seguido por Una (360%), Uruçuca (193%) e Santa Luzia (189%).

Analisando-se os principais biênios evolutivos, percebe-se que o município de Ilhéus apresentou seu pico de evolução no biênio 1996/1997 (42%) e os piores anos foram 2001 e 2002 (-80%). O município de Belmonte apresentou no biênio 1992/1993, uma queda, com área colhida alcançando 39%; já no biênio posterior (1994/1995), evoluiu em 63%, ficando com evolução nula em 1995/1996 e 2001/2002. O município de Itamaraju apresentou o melhor desempenho no início da década, biênio 1990/1991 (40%) e o seu

biênio menos expressivo se deu em 1994/1995 (-21%). O município de Guaratinga apresentou o pior biênio em 1991/1992 (-33%) e o mais expressivo em 1992/1993 (18%). O município de Una, no biênio 1991/1992, aumentou em 326% sua área colhida, decrescendo 51% no final do período em análise, 2001/2002.

Analisando-se as evoluções absolutas, no período de 1990 a 1996, nota-se que o município de Arataca foi o que mais evoluiu em área colhida (393%), seguido de Una (360%) e Uruçuca (193%). Neste período, o município de São Miguel das Matas foi o que mais perdeu em área colhida (-64%). O município de Ilhéus, importante concentrador de área, também apresentou queda de 40%, no período.

No segundo período (1996 a 2002), observa-se que o município de Nilo Peçanha foi o que demonstrou maior evolução na área colhida (218%), em seguida aparece Ituberá (92%) e Valença (80%). O pior desempenho, neste período, foi apresentado pelos municípios de Ilhéus (-72%) e Uruçuca (-43%).

Conclusões

A quantidade produzida de cacau na região dos TC/BA caiu 64%, entre 1990 e 2002, sendo que a maior parte dessa queda (58%) ocorreu entre 1996 e 2002. Na mencionada região, a cultura propiciou grande prosperidade no passado, participando ativamente na formação do VBPA regional. Mas devido ao aparecimento de doenças e à falta de renovação dos plantios, a sua importância vem decrescendo, sendo as antigas áreas com cacauzeiros abandonadas ou substituídas por outras culturas.

A cultura do cacau no Brasil e na região dos TC/BA é de fundamental importância na agricultura familiar, haja vista que a grande maioria (91%) das propriedades envolvidas com a cacaicultura é menor às 100 hectares. Na participação do Brasil no mercado externo, observou-se um declínio das exportações e, em contrapartida, um aumento das importações. Isso aconteceu devido, em grande parte, ao declínio da cultura em nível nacional.

Referências Bibliográficas

ALVARENGA, P.; AMAROLI, P.; CÁCERES, J.; EGUIZÁBAL, C.; FERNÁNDEZ, J. A.; FOWLER, W.; LAURIA, A.; FUENTES, H. L.; MELHADO, O. E.; PANAMENO e WALTER, K. **História de El Salvador**. El Salvador: Ministério de Educación; Centro América, 1941. 249 p. p. 49-52.

AGRIANUAL 2004: anuário da agricultura brasileira. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio, 2004.

CENSO Agropecuário do Brasil 1996. Rio de Janeiro: IBGE/SIDRA. Disponível: < <http://www.ibge.gov.br> > . Acesso em: ago. 2004a.

FAO. Foundation Agricultural Organization. Roma: FAOSTAT Database Gateway. Disponível: < <http://apps.fao.org> > . Acesso em: set. 2004.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL. Rio de Janeiro: IBGE/SIDRA. Disponível: < <http://www.ibge.gov.br> > . Acesso em: set. 2004b.

SANTO, B. R. do E. **Os caminhos da agricultura brasileira**. São Paulo: Evoluir Cultural, 2001. 326 p.

Anexos

Tabela 1. Produção de cacau (t) nos municípios dos tabuleiros costeiros da Bahia 1990 a 2002.

Municípios	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Aracaba	2.585	2.478	9.023	9.023	9.023	8.791	4.930	4.883	4.830	3.098	2.384	2.178	1.361
Belmonte	4.125	4.125	4.800	2.937	4.795	5.542	5.819	5.522	4.974	1.742	2.060	2.482	2.375
Guaratinga	5.495	4.274	3.444	4.053	4.672	3.979	4.177	3.819	3.321	3.052	3.501	3.501	3.501
Ilhéus	30.000	30.000	23.023	25.841	27.841	28.388	16.928	24.000	27.048	15.318	10.137	7.386	1.800
Itacaré	6.519	6.500	5.801	6.446	6.446	7.366	6.080	5.600	6.579	2.611	675	2.245	1.910
Itamaraju	4.698	6.558	5.737	8.080	5.867	4.688	4.688	5.888	5.988	5.238	5.220	5.235	5.266
Ituberá	1.560	3.032	1.832	1.566	1.313	1.101	1.159	1.146	2.397	1.655	1.688	1.208	568
Jiquiriçá	3.600	1.649	1.253	1.723	1.563	1.255	1.311	1.130	1.532	1.777	1.770	2.005	838
Marauá	6.357	6.300	4.366	4.439	4.439	3.783	3.660	4.400	5.282	2.344	1.969	1.931	1.884
Mucuri	1.291	1.212	1.212	1.213	1.466	1.568	1.244	1.246	1.431	912	978	1.971	1.658
Nilo	360	705	701	560	565	473	443	461	1.788	2.124	2.101	1.649	656
Pecanha													
Porto Seguro	528	528	672	507	427	417	418	327	271	151	151	151	151
Prado	1.574	573	920	1.686	911	741	731	952	923	874	759	759	761
Santa Luzia	3.174	3.096	2.340	2.340	2.340	6.981	3.552	4.925	4.499	3.108	2.100	1.268	947
São Miguel das Matas	421	210	210	180	177	177	66	64	82	120	134	138	197
Ubaíra	2.488	2.488	1.178	1.178	640	940	1.384	1.627	996	1.478	1.610	1.541	1.502
Ubatuba	5.718	5.700	3.960	4.153	4.153	3.077	2.864	3.200	3.777	1.308	1.044	863	1.215
Una	2.000	1.600	7.666	8.517	8.517	8.506	7.720	9.900	9.970	6.908	5.515	4.388	2.400
Unaçuca	2.300	2.300	5.139	10.710	11.291	7.708	7.040	9.000	8.928	3.449	2.078	1.642	1.800
Valença	450	1.564	2.551	1.082	1.088	903	938	1.079	1.697	1.754	1.663	1.573	788
Total TC/Bah	100197	99909	102037	112444	113714	107311	87863	104463	114102	69127	55668	52020	36528

Tabela 2. Área com Cacau (ha) nos municípios dos tabuleiros costeiros da Bahia 1990 a 2002.

Município	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Arataca	4.170	4.130	20.065	20.065	20.065	22.542	20.542	22.770	16.372	16.197	15.840	13.574	11.736
Belmonte	12.500	12.500	11.429	6.985	11.416	13.855	13.855	13.469	13.089	7.919	10.006	11.875	11.875
Guaratinga	12.210	12.210	8.200	9.649	11.123	9.946	9.946	9.314	8.515	7.473	7.576	7.576	7.576
Ilhéus	71.000	72.222	51.163	51.683	51.583	59.968	42.320	60.000	60.109	60.952	70.154	58.798	12.000
Itacaré	10.328	10.000	12.890	12.892	12.892	18.887	15.200	14.000	14.611	14.616	15.337	13.695	10.670
Itamaraju	10.440	14.575	15.935	16.975	15.865	12.516	12.516	15.645	15.883	15.733	15.733	15.765	15.765
Ituberá	2.600	3.560	4.070	2.610	2.625	2.622	2.575	2.865	5.992	3.401	4.929	3.346	4.944
Jiquiriçá	6.000	2.272	2.785	3.133	3.138	2.988	2.914	2.826	3.831	4.280	3.998	4.004	3.992
Marauá	9.781	9.780	9.700	8.878	8.878	9.701	9.150	11.000	11.737	14.715	14.307	14.223	11.772
Mucuri	3.074	2.885	2.885	2.889	3.481	3.817	3.311	3.315	3.670	3.303	3.515	3.461	3.316
Nilo Peçanha	600	890	1.557	1.120	1.130	1.125	984	1.153	4.472	4.113	4.465	4.014	3.126
Porto Seguro	1.600	1.600	1.600	1.208	1.017	996	996	797	694	670	670	644	644
Prado	3.498	1.273	2.554	3.440	2.430	1.950	1.950	2.430	2.430	2.300	2.300	2.300	2.300
Santa Luzia	5.120	5.160	5.200	5.200	5.200	15.513	14.820	16.661	15.251	14.023	13.324	13.006	10.880
São Miguel das Matas	602	601	601	600	591	591	219	219	273	307	320	328	328
Ubaíra	3.681	3.681	3.681	3.681	2.000	2.848	2.848	2.906	3.284	3.777	3.757	3.861	3.757
Ubaítaba	8.797	8.795	8.800	8.306	8.306	7.890	7.160	8.000	8.394	8.039	7.605	6.327	7.500
Una	4.200	4.000	17.035	17.035	17.035	21.809	19.300	22.000	22.155	22.379	25.699	24.337	12.000
Uruçuca	6.000	6.000	11.421	21.421	21.308	19.763	17.600	20.000	19.840	19.378	19.887	20.533	10.000
Valença	750	1.811	5.670	2.165	2.170	2.150	2.084	2.698	4.243	4.122	4.379	4.082	3.758
Total TC Bahia	204380	207020	233946	233703	236587	269696	236837	270837	281864	275212	290660	270845	176106

Embrapa

Tabuleiros Costeiros

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento

